



DEPARTAMENTO DE TAQUIGRAFIA, REVISÃO E REDAÇÃO

NÚCLEO DE REDAÇÃO FINAL EM COMISSÕES

TEXTO COM REDAÇÃO FINAL

TRANSCRIÇÃO *IPSIS VERBIS*

CPI - ESCUTAS TELEFÔNICAS CLANDESTINAS		
EVENTO: Audiência Pública	Nº: 1280/08	DATA: 24/09/2008
INÍCIO: 15h02min	TÉRMINO: 16h17min	DURAÇÃO: 01h16min
TEMPO DE GRAVAÇÃO: 01h16min	PÁGINAS: 36	QUARTOS: 15

DEPOENTE/CONVIDADO - QUALIFICAÇÃO

IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO – Terceiro-Sargento do Centro de Inteligência do Comando da Aeronáutica.

SUMÁRIO: Esclarecimentos do Sr. Idalberto Martins de Araújo à Comissão sobre escutas telefônicas clandestinas.

OBSERVAÇÕES



O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Vamos reabrir os trabalhos. Peço ao Secretário da Mesa que providencie a presença do Sr. Idalberto Martins de Araújo na sala das Comissões. (*Pausa.*)

Convido o Sr. Idalberto a tomar assento à Mesa. Os procedimentos já foram assinalados no início desta sessão.

Dou a palavra a V.Sa. para, em até 20 minutos, fazer uma exposição da sua pessoa e dos seus antecedentes na área de inteligência.

Então, com a palavra V.Sa. para as suas manifestações iniciais.

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - Sr. Presidente, Srs. Deputados, Sras. Deputadas, senhoras e senhores, eu quero dizer a todos que, como cidadão brasileiro, amante da democracia, é muito difícil dizer tudo isso, mas eu estou de férias, vim aqui espontaneamente, estou aqui desde as 10 horas da manhã. Eu estou consciente de tudo que tem saído na mídia a meu respeito. Eu sou o Sargento Idalberto, da Força Aérea Brasileira. Tenho 29 anos de serviços prestados, 23 anos na área de inteligência. Então, Sr. Presidente, é esta a minha exposição.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Agradeço a manifestação inicial de V.Sa.

É importante frisar que o Sr. Idalberto está aqui por livre e espontânea vontade, atendendo a um convite da Comissão Parlamentar de Inquérito, tendo em vista que seu nome veio a ser veiculado em várias matérias dando conta da sua participação em vários eventos que dizem respeito a fatos que estão sob investigação desta Comissão Parlamentar de Inquérito; inclusive, ele estava de férias e aqui comparece, conforme ele mesmo diz.

Então, para que nós possamos aprofundar essas questões, o senhor disse que o senhor tem 23 anos de atuação na área de inteligência. Então o senhor vem desde essa época atuando na 2ª Seção, na A-2, ou o senhor sempre trabalhou junto ao CISA?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - Eu vim do A-2. Trabalhei no A-2. Do A-2 fui para o CISA. O CISA mudou de nome, secretaria de inteligência — é agora CIAER — Centro de Inteligência da Aeronáutica.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - E sempre no mesmo local, no mesmo Estado, na mesma Unidade da Federação, ou passou por diversas Unidades da Federação?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - Não, senhor. Eu sempre atuei em Brasília.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Sempre atuou em Brasília. Quais foram os seus chefes no CISA?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - Senhor?!

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Quais foram os seus chefes no CISA, no período em que o senhor esteve no CISA?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - É difícil lembrar nomes, porque a Força Aérea muda, tem uma mudança constante de chefes. Então, eu não tenho condições, assim, de lembrar o nome de todos.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - De algum o senhor se lembra, pelo menos?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - Lembro. O Brigadeiro Caldas, o Brigadeiro Josuá.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - O senhor teve que tipos de curso de formação na área de inteligência? O senhor os teve e onde?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - Eu tive curso de inteligência do CEFARH, que é a antiga EsNI.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Mas enquanto CEFARH ou enquanto SNI?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - Enquanto CEFARH.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - E qual foi o curso que o senhor fez lá?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - Curso de operações.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - No que consiste um curso de operações? Porque tem muita gente que não sabe exatamente o que um curso de operações ensina àqueles que estão aprendendo o ofício da inteligência.

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - Basicamente, a vigilância.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Mexe com a parte técnica também?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - Não, senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - E o senhor alguma vez atuou na área de interceptação telefônica ou degravação de diálogos?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - Não, Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - O senhor de que maneira se vê envolvido nesse contexto que faz com que o senhor seja convidado a comparecer a esta CPI? Por que o senhor está aqui? O senhor sabe por que está aqui?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - A mídia publicou o meu nome, e eu acredito que é por isso que eu estou aqui.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - E o que a mídia publicou sobre o seu nome é falso, é verdadeiro, tem consistência, não tem consistência?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - Excelência, eu não estou aqui para questionar o que foi publicado. Eu estou aqui para responder a algumas perguntas que eu acredito que venham a ser motivo de...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Então, as indagações serão feitas presumindo que o que a mídia disse a respeito do senhor é verdadeiro, já que o senhor não contesta o que saiu na mídia. Então, tendo em vista o que a mídia diz do senhor, é o senhor que apresentou o nosso depoente anterior ao Delegado Protógenes?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - Eu e o Major Branco apresentamos o Ambrósio ao Delegado Protógenes Queiroz.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Quem é o Major Branco?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - Major Branco é um oficial da Força Aérea Brasileira, que foi meu chefe imediato numa situação; e ele também é amigo de Ambrósio e amigo do Delegado Protógenes.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - "Meu chefe numa situação", é assim que se designam as coisas na Força Aérea? Fulano é meu chefe numa situação?!



O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO – Não. Ele foi meu chefe na Divisão de Operações. Chefe imediato, quero dizer.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Chefe imediato na seção de operações... De onde?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - Do Centro de Inteligência.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Do Centro de Inteligência da Aeronáutica?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - Isso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - É porque tem muita gente que não entende, e, falando de forma parcelada, a gente não tem o retrato do todo.

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO – Ah! entendi. Desculpa.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Então o senhor ajudaria muito se o senhor pudesse ser um pouquinho mais explícito. Então, o Major Branco era o chefe de operações do antigo CISA, que hoje tem um outro nome. É isso?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO – Não. Ele não foi o chefe de operações, porque, dentro das operações tem vários setores. Então, ele foi o segundo homem das operações num período de tempo. O que eu quero dizer para o senhor é o seguinte: muda, não é uma constante; há uma mudança. Quando chega um oficial mais antigo, há um remanejamento.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Já que na área de operações existem várias seções, qual era a sua seção na área de operações?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - Divisão de Operações.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Sim, mas o senhor me disse que ele era o subchefe da área de operações de uma seção. Pelo que eu entendi, a não ser que eu esteja equivocado, existem várias seções — é isto? E qual era sua seção?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - Eu era da Seção de Busca.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Seção de Busca?!

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - Isso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) – E o que faz uma seção de busca?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - Coleta dados.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Coleta dados. Então a Seção de Busca coleta dados. E essa Seção de Busca coleta dados onde? na rua ou internamente? e através de fontes abertas ou de fontes fechadas? através de vigilância ou através de documentos?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - A Seção de Busca faz todo esse trabalho: trabalho de busca na rua e também de fonte aberta, como Internet, essas coisas todas.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Então nós vamos partir do princípio de que a Aeronáutica possui um serviço de inteligência. Esse serviço de inteligência é voltado para a atividade da Força, ou seja, de proteção dos segredos da Força Aérea e de busca de informações estratégicas do interesse da Força Aérea. E, nesse setor de inteligência, existe uma área que faz as buscas dessas informações. Quer dizer, é uma área própria de operações ou é uma área de inteligência? Ou não existe essa divisão — contra-inteligência, inteligência, operações... Ou a operação está dentro da inteligência, ou tem a operação da contra-inteligência? Como é que funciona isso?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - Existem as operações e existe a contra-inteligência também.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Mas a sua área era a área de operações, porque área de busca, pelo que me parece, deveria ser área de operações — não é isso?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - Sim, senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Está certo. E o Major Branco foi seu chefe num determinado período nessa área de busca de informações.

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - Correto.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Está certo. E o senhor é o que tinha relações com a Polícia Federal ou era o Major Branco que tinha relações com a Polícia Federal?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - Essa relação é mútua; não quer dizer que eu seja a pessoa... Vários agentes, vários colegas têm relação com outros órgãos externos do Ministério da Aeronáutica, do Comando da Aeronáutica.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - E essa relação é uma relação que se faz dentro da informalidade ou dentro da formalidade?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - É relação normal de amizades.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Sim, mas existe uma relação institucional entre a Força Aérea e o Departamento de Polícia Federal na busca de objetivos comuns?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - Excelência, eu, por uma ocasião, trabalhei numa operação conjunta entre a Força Aérea e o Departamento de Polícia Federal. Chamava-se Operação Iaomâmi. Essa operação foi no Estado de Roraima, e basicamente a Força Aérea era a parte de operações. Era só trabalhando em cima de pistas irregulares, levantando, para que o DPF tivesse esses dados para atuar com os garimpeiros dentro da reserva. Então esse trabalho existe.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Longe de mim dizer que ele não existe! Muito pelo contrário. Eu sou bastante reconhecido da integração e do trabalho realizado entre o Departamento de Polícia Federal, ao qual eu pertenço, e a Aeronáutica. Tive a oportunidade de participar de diversas operações, o que, sem a Aeronáutica, não teria sido possível, em função de deslocamentos na região amazônica e em outras regiões do País, quando tivemos de fazer a apreensão de aviões de traficantes. E, muitas vezes, essas informações nos eram fornecidas pela Aeronáutica; muitas vezes, a guarda desses equipamentos ficava com a própria Aeronáutica. Então, quanto a isso, eu acho que essa sua informação é bastante útil. Mais isto: eu acredito que tenha sido uma situação onde houve a formalidade, ou o diretor da Polícia Federal falou com o Brigadeiro encarregado, ou o diretor de inteligência falou com o chefe da inteligência da Aeronáutica e se estabeleceu, a nível superior, ou até mesmo a nível regional, a integração de operações. Isso eu entendo, acho que é necessário; isso que faz parte daquilo que eu chamo de contribuição de todos no combate ao crime. Agora, essa relação do Major Branco com um delegado da Polícia Federal e também de V.Sa. se deu nesse canal institucional ou no canal não-institucional, se deu na informalidade?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - Da minha parte, eu conheci o Dr. Protógenes em um churrasco de confraternização. Então, ali se trocou telefones



e houve um contato. Posteriormente, ficamos um tempo sem se falar. E, até onde eu sei, o Major Branco fez um curso com o Dr. Protógenes Queiroz.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - O Major Branco e o Delegado Protógenes fizeram um curso. O senhor sabe que curso foi esse?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - Pelo que eu sei, foi na Escola Superior de Guerra. Mas não sei que curso foi.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Então, o Major Branco ainda é o seu chefe lá na área de inteligência. É isso?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - Não, senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) – Ele não era o seu chefe na área de inteligência na época desse contato com o Delegado Protógenes?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - Não, senhor. Quando o Major fez o curso, ele já estava prestes a sair da área de inteligência.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Sim. Então quer dizer que o contato que o Major fez com o senhor e, por sua vez, a reunião promovida entre o Major, o senhor e o delegado, que conduziu uma investigação na Polícia Federal, foi uma reunião feita fora do ordenamento, ou fora do Comando da Aeronáutica. Ou seja, os senhores não receberam uma determinação do superior imediato dos senhores para fazer essa reunião com o Delegado Protógenes. É isso?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO – Não existiu reunião. Essa história de reunião não existiu. O que existiu, na realidade, foi o seguinte. O Dr. Protógenes pediu, consultou sobre se eu e o Major Branco conhecíamos algum analista aposentado. Falamos que conhecíamos. Citamos o nome do Ambrósio. E ele nos pediu que fizéssemos contato; se ele aceitaria fazer um trabalho para ele, não especificando que tipo de trabalho seria. Correto?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Correto. Quer dizer, então não houve uma reunião. Houve um telefonema: “*Oi, me arruma um analista aí, que eu estou precisando de alguém.*” É isso?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO – Não, não é isso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Não?!

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - Não é reunião; é um contato. Num desses contatos que...



O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Mas é um contato pessoal, um contato telefônico, ou por carta, por telegrama?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - Pessoal.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Pessoal?!

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - Correto.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - O senhor se lembra onde se deu essa reunião e de que forma se deu?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - Não me lembro. Desse contato primeiro eu não me lembro.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - O senhor não se lembra desse primeiro contato?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - Não, senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Então, quer dizer que além do primeiro contato houve outros contatos além desse primeiro.

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - Esse primeiro contato foi quando ele pediu... se a gente conhecia algum analista aposentado que fosse de confiança e que pudesse desenvolver um trabalho para ele.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Ou seja, o Major Branco, seu superior hierárquico, com quem o senhor trabalhava diretamente, lhe levou para uma reunião como delegado da Polícia Federal para, nessa reunião com o delegado da Polícia Federal, verificar de que forma os senhores poderiam ajudar esse delegado. É isso?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - Não houve reunião. Acho que o senhor não entendeu o que eu falei. Eu falei o seguinte...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Não entendi. Se eu tivesse entendido, eu não pediria para o senhor explicar. E não sou só eu aqui; tem outros Deputados que precisam entender. Reunião, para mim... Se não houve reunião, então foi por telefone, foi por telegrama, foi por carta, foi de alguma outra forma. Reunião é quando pessoas se sentam para discutir um determinado assunto em um determinado lugar. Esta é que é a minha questão.

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - A gente estava num... Houve um contato pessoal e ele pediu isso. Aí a gente... O que aconteceu? Fizemos o



contato com... Eu fiz o contato o Ambrósio. Expliquei para ele que tinha um delegado amigo que precisava de um analista, e se ele estava disposto a trabalhar, já que ele estava parado. Ele falou o seguinte: que, de cara, aceitaria conversar para saber que tipo de trabalho que era. Foi marcado um encontro então com o Dr. Protógenes, por telefone. Ele marcou na comercial, num *cybercafé* na comercial da 201/202 Sul, perto do prédio da Polícia Federal. E ali — entendeu? —, nesse café, estava eu com o Major Branco, o Ambrósio e o Dr. Protógenes. Então, ele não conhecia o Ambrósio. Então, nós o apresentamos a ele. E ele ali fez a proposta de que queria trabalhar com ele.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Então você tem que entender uma coisa: nós não sabemos de nada; o senhor é que sabe de tudo.

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - Tá, entendi.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - E como é o senhor o que sabe de tudo, e nós não sabemos de nada, se o senhor não nos explicar, nós não teremos condições de entender.

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - Positivo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Por isso é que é importante dizer os detalhes. E aí fica uma pergunta: essa reunião se deu dentro de um escalão formal da Aeronáutica, ou se deu numa ação entre amigos? ou entre conhecidos?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - Uma ação entre conhecidos. Nos pediu um favor e a gente foi tentar atendê-lo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Ou seja, não existia uma ordem formal por parte do Ministério da Aeronáutica para que ex-agentes de inteligência, ou agentes de inteligência da Aeronáutica, prestassem esse apoio, esse auxílio ao Delegado Protógenes na sua investigação.

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - Correto. Não houve contato. É contato simplesmente informal. A gente, por amizade, apresentou, atendendo a um pedido.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - E os senhores acompanharam o desenvolvimento dessas ações, o desenvolvimento dessas



operações, ou apenas fizeram a apresentação e não tomaram mais conhecimento de nada?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - Apenas foi feita a apresentação dele. Ele não falou em momento nenhum que tipo de trabalho ele queria, mas que queria que ele fosse de análise, e que eles sentariam, os 2, depois, para conversar e explicar. Eu só me lembro que o Ambrósio pediu para que se começasse o trabalho na segunda-feira. Não lembro o dia da semana, mas ele pediu para que se começasse o trabalho na segunda-feira. Então, eles acertaram de se encontrar na segunda-feira, e a partir daí eu não tomei mais nenhum tipo de conhecimento do que os 2... o que foi o teor da conversa.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Só para ficar claro, para que a gente possa entender. E talvez eu não tenha entendido bem. Quer dizer, não houve o comandamento por parte da Aeronáutica para que o Major Branco e o senhor fizessem um contrato com um delegado da Polícia Federal para, de alguma forma, indicar alguém para participar de uma atividade. Foi uma questão de uma ação entre conhecidos — entre amigos, em que um indica outro para fazer determinado trabalho. É isso?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - Correto.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - No momento estou satisfeito. Passo a palavra para o primeiro inscrito, Deputado Gustavo Fruet.

O SR. DEPUTADO GUSTAVO FRUET - Obrigado, Presidente. Na mesma linha... Sargento, boa tarde.

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - Boa tarde.

O SR. DEPUTADO GUSTAVO FRUET - Pelo que o senhor falou, o senhor trabalhou na área de inteligência e de investigação da Aeronáutica. É isso?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO – É... Coleta de dados. Eu expliquei aqui: é um trabalho que... Coleta de dados externos é o que é realizado. E essa coleta de dados serve para quê? Para assessorar e executar atividades de inteligência com aproveitamento e credibilidade, para a eficácia da Força Aérea no seu emprego operacional e no emprego da força. Então é isso. Basicamente, é isso.

O SR. DEPUTADO GUSTAVO FRUET - Só por curiosidade. Quer dizer: é um conceito que o senhor leu, correto?



O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - Senhor?!

O SR. DEPUTADO GUSTAVO FRUET - É um conceito que o senhor leu — é isso?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - É o conceito de inteligência.

O SR. DEPUTADO GUSTAVO FRUET - Está bem. Dentro dessa área de inteligência, o senhor já trabalhou ou teve curso ou tem conhecimento de técnicas de varreduras antigrampo?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - Não, senhor.

O SR. DEPUTADO GUSTAVO FRUET - O senhor já teve acesso a equipamento antigrampo?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - Não, senhor.

O SR. DEPUTADO GUSTAVO FRUET - O senhor conhece alguma maleta de escuta?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - Não, senhor.

O SR. DEPUTADO GUSTAVO FRUET - O senhor já fez escuta ambiental?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - Não, senhor.

O SR. DEPUTADO GUSTAVO FRUET - O senhor já fez escuta telefônica?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - O que eu...

O SR. DEPUTADO GUSTAVO FRUET - Sim ou não?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - Sim ou não? Não.

O SR. DEPUTADO GUSTAVO FRUET - A Polícia Federal tem a gravação de conversa sua com a jornalista Andréa Michael. Quem fez essa gravação?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - Não tenho conhecimento.

O SR. DEPUTADO GUSTAVO FRUET - Sobre o que o senhor conversou com ela nesse dia?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - A jornalista Andréa Michael me procurou. Ela estava preocupada em saber se ela estava sendo monitorada ou se ela tinha sido gravada. E eu até brinquei com ela. Falei assim: “*Gravada, eu acredito que não*”. Aí ela falou o seguinte: “*Então, devo ter sido monitorada*”. E eu procurei o Ambrósio, e apresentei ela ao Ambrósio, para saber se ele tinha alguma informação nesse sentido.



O SR. DEPUTADO GUSTAVO FRUET - Mas por que ela tinha falado com o senhor? Qual a razão de ela lhe procurar?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - Eu tenho um relacionamento com ela. Ela é uma pessoa do meu círculo de amizades.

O SR. DEPUTADO GUSTAVO FRUET - E onde ocorreu essa conversa?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - Eu acredito que foi num barzinho que tem lá embaixo do prédio dela, do prédio do trabalho dela, no Centro Empresarial Norte.

O SR. DEPUTADO GUSTAVO FRUET - E trataram da Operação Satiagraha nessa conversa?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO – Não. Essa conversa se deu há poucos dias.

O SR. DEPUTADO GUSTAVO FRUET - E o senhor sabe se ela foi gravada? O senhor gravou a jornalista na residência dela?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - Não, senhor.

O SR. DEPUTADO GUSTAVO FRUET - Qual a sua relação... Eu vou voltar à questão da gravação. Qual a sua relação com o Jairo Martins, que se apresenta como empresário de vigilância em Brasília?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - Jairo Martins é um amigo meu, policial militar.

O SR. DEPUTADO GUSTAVO FRUET - O senhor já teve negócio ou tem negócio ou atividades em comum?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - Não, senhor.

O SR. DEPUTADO GUSTAVO FRUET - O senhor comentou com ele sobre a Operação Satiagraha?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - Eu não comentei porque eu não tinha conhecimento dessa operação.

O SR. DEPUTADO GUSTAVO FRUET - O senhor trabalhou ou colaborou na Operação Satiagraha?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - Não, senhor.

O SR. DEPUTADO GUSTAVO FRUET - A revista *Época* informa que, na Aeronáutica, o Delegado Protógenes pediu a localização de aviões de uso exclusivo.



A Aeronáutica produziu um relatório que apontava 4 aviões, entre eles um *Airbus*, igual ao do Presidente Lula, segundo descreve um agente próximo das investigações. O senhor foi consultado para prestar esse tipo de informação?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - Não, senhor.

O SR. DEPUTADO GUSTAVO FRUET - Na sua relação com Francisco Ambrósio: há quanto tempo ele atua na área de inteligência ou na área de informação?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - Francisco Ambrósio, ele é aposentado. Aposentado. Não lembro o ano em que ele aposentou, mas ele esteve requisitado na Aeronáutica, através do... Foi liberado pelo serviço dele. Houve um acordo, mas não sei como foi. Ele trabalhou lá um período, uma faixa de uns 5 anos.

O SR. DEPUTADO GUSTAVO FRUET - Onde?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - Na Aeronáutica.

O SR. DEPUTADO GUSTAVO FRUET – Mas ele foi liberado para trabalhar onde?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - No Centro de Inteligência, que na época não era Centro de Inteligência; era Secretaria de Inteligência.

O SR. DEPUTADO GUSTAVO FRUET - O senhor lembra o ano disso, ou não?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - Não me lembro, mas acredito que ele ficou, por um período de 5 anos, trabalhando nas operações do Centro de Inteligência.

O SR. DEPUTADO GUSTAVO FRUET - Que tipo de atividade ele fazia lá?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - Ele é um analista, né? Ele é um analista de inteligência.

O SR. DEPUTADO GUSTAVO FRUET - Que faz um analista de inteligência?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - O analista... O agente de campo produz um documento, produz um relatório, e ele é repassado ao analista. E ali o analista faz o seu documento. Então, eu não tenho conhecimento, porque existe uma compartimentação, onde o agente faz o seu relatório e repassa para o setor de análise — entendeu?



O SR. DEPUTADO GUSTAVO FRUET - E o senhor tem outros conhecidos na ABIN ou no extinto SNI?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - Não. Que eu me lembre, só o Ambrósio.

O SR. DEPUTADO GUSTAVO FRUET - E há quanto tempo ele está aposentado?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - Quando ele esteve na Aeronáutica, não estava aposentado; estava requisitado.

O SR. DEPUTADO GUSTAVO FRUET - Mas quanto tempo faz isso? O senhor manteve contato com ele anual? E o senhor tem encontros pessoais com ele todo ano?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - Esses contatos não são assim diários, entendeu? A gente não pode precisar assim para o senhor se eram contatos diários. Mas eu tenho contato com ele. Agora, saber o ano exato em que ele se aposentou eu não sei precisar para o senhor.

O SR. DEPUTADO GUSTAVO FRUET - Mas ele se aposentou ainda na Aeronáutica, ou já tinha retornado para a ABIN?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - Não. Ele voltou para o órgão dele, de origem, e lá ele se aposentou.

O SR. DEPUTADO GUSTAVO FRUET - O seu Ambrósio, hoje, voluntariamente, colocou à disposição da CPI os dados telefônicos. O senhor aceita também colocar à disposição da CPI os dados telefônicos?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - Aceito.

O SR. DEPUTADO GUSTAVO FRUET - Quando ele se aposentou, nos informou que ficou 10 anos até ser procurado pelo senhor para esse serviço. Vou estabelecer uma comparação: o senhor indicaria um médico que está aposentado há 10 anos, que não trabalha mais no setor, para fazer uma cirurgia?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - Excelência, a área médica eu não conheço. Agora, o Francisco Ambrósio trabalhou no mesmo setor em que eu trabalhei. Conhecendo o potencial dele de análise, que todos nós, que somos amigos dele, conhecemos, eu indiquei. E o Major Branco também, por conhecer também, o indicou. Então eu acho perfeitamente normal essa indicação



O SR. DEPUTADO GUSTAVO FRUET - E ele, nesse período, com o senhor... Fizeram outras atividades de colaboração? O senhor tem notícia?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - Não. Eu simplesmente apresentei ele e não tenho notícia de que ele desenvolveu outro tipo de atividade.

O SR. DEPUTADO GUSTAVO FRUET - Sargento, conversa franca! De um lado, entendo que tanto o senhor quanto o Ambrósio não podem ser os bodes expiatórios da história. Mas, por outro lado, é pouco provável que se passe tanta ingenuidade numa relação como essa. Nós estamos falando da área de inteligência e tentando descobrir quem grampeou o Presidente do Supremo Tribunal Federal. Era para ser o Ambrósio, mas daí o Ambrósio não quis assumir. Cogitaram o seu nome e o do Jairo Martins. Afinal de contas, o senhor teve alguma participação em escuta legal ou ilegal em qualquer operação da Polícia Federal ou da ABIN nos últimos 10 anos? Sim ou não?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - Não, senhor.

O SR. DEPUTADO GUSTAVO FRUET - E o Ambrósio, qual o papel dele? O senhor ia indicar alguém que está há 10 anos fora para fazer um trabalho de análise, que vai verificar *e-mails* sem ter acesso a conteúdo? O senhor acha crível esse tipo de indicação, de afirmação da sua parte?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - Excelência, eu indiquei ele, mas não sabia para que ele iria trabalhar. Não sabia. O Dr. Protógenes me pediu um analista aposentado. E eu indiquei o Ambrósio para esse trabalho.

O SR. DEPUTADO GUSTAVO FRUET - O senhor esteve no edifício-sede da Polícia Federal?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - Não, senhor.

O SR. DEPUTADO GUSTAVO FRUET - Quem é seu superior hoje imediato na Aeronáutica?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - Coronel Aldemarion.

O SR. DEPUTADO GUSTAVO FRUET - O senhor informou ele sobre essa operação, ou de que estaria sendo envolvido nessa operação?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - Eu não o informei porque isso, na minha opinião, é fato comum: eu apresentar um colega a um amigo.



O SR. DEPUTADO GUSTAVO FRUET - Então, eu lhe pergunto: o senhor conhece João Álvaro Almeida?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - Não, senhor.

O SR. DEPUTADO GUSTAVO FRUET - Nunca ouviu falar nele?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - João Álvaro?

O SR. DEPUTADO GUSTAVO FRUET - João Álvaro Almeida. Agente da Polícia Federal.

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - O que aconteceu...

O SR. DEPUTADO GUSTAVO FRUET - O senhor conhece ele?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - Não, senhor. Conhecer, não senhor.

O SR. DEPUTADO GUSTAVO FRUET - E não ouviu falar dele também?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - Era isso que eu ia explicar para o senhor. O que aconteceu foi que, em 2003, um delegado da Polícia Federal amigo tinha feito uma cirurgia de córnea e me pediu para que dirigisse o carro até Goiânia para ele — eu estava de férias — , porque ele precisava conversar com uma pessoa em Goiânia. Eu fiz esse favor para ele. Depois disso, foi instaurado um inquérito na SR de Goiânia, e o meu nome veio a ser alvo de investigação, dentro desse inquérito. E esse inquérito foi arquivado nessa situação. É isso que eu sei.

O SR. DEPUTADO GUSTAVO FRUET - Mas por que foi feito inquérito?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - Por que o Dr. Campelo...

O SR. DEPUTADO GUSTAVO FRUET - Quem é o Dr. Campelo?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - O delegado da Polícia Federal que me convidou, porque ele tinha feito uma cirurgia de córnea e não tinha condições de dirigir. Então, ele me solicitou que eu fosse dirigindo um carro para ele até Goiânia. Nessa viagem, ele fez contatos lá em Goiânia com policiais e de lá...

O SR. DEPUTADO GUSTAVO FRUET - Mas foi para Goiânia para quê? Para uma operação policial ou para tratamento médico?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - Não, ele foi fazer contatos. Eu não perguntei o porquê desses contatos. Ele foi a Goiânia, fez esses contatos e lá... Na época, ele era assessor de um desembargador e na época houve um inquérito em relação a esse assunto.



O SR. DEPUTADO GUSTAVO FRUET - Que assunto?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - Esse assunto.

O SR. DEPUTADO GUSTAVO FRUET - A sua ida para Goiânia?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - A ida do Dr. Campelo a Goiânia.

O SR. DEPUTADO GUSTAVO FRUET - Então, isso que eu quero que o senhor esclareça. Por que foram para Goiânia? O inquérito foi aberto em função da sua ida, de estar acompanhando o Dr. Campelo ou em razão do objeto da investigação dele em Goiânia? É isso que eu quero que o senhor esclareça.

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - Em função de eu estar ao lado dele, e ele estaria sendo alvo de investigação.

O SR. DEPUTADO GUSTAVO FRUET - Por que ele estava sendo alvo de investigação?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - Porque ele era assessor de um desembargador e houve...

O SR. DEPUTADO GUSTAVO FRUET - Sim, mas isso não é condição para ser alvo de investigação.

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - Não, houve uma operação da Polícia Federal. Nessa operação houve umas prisões, e nessas prisões tinha filho, apareceu filho do desembargador. Então, ele foi alvo dessa investigação.

O SR. DEPUTADO GUSTAVO FRUET - O senhor viajou antes ou depois da prisão?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - Depois.

O SR. DEPUTADO GUSTAVO FRUET - Então, o senhor tinha conhecimento. O senhor não foi meramente para dirigir o carro, não foi?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - Fui para dirigir.

O SR. DEPUTADO GUSTAVO FRUET - Corrigir isso aí também, Presidente. E o senhor já colaborou com alguma operação da Polícia Civil do Distrito Federal?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - Não, senhor.

O SR. DEPUTADO GUSTAVO FRUET - O senhor já colaborou com alguma operação da Polícia Federal?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - Não, senhor.



O SR. DEPUTADO GUSTAVO FRUET - O senhor já colaborou com alguma operação da ABIN?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - Não, senhor.

O SR. DEPUTADO GUSTAVO FRUET - O senhor já trabalhou para alguma empresa que faça investigação de forma, inclusive com escutas, em Brasília?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - Eu tirei uma licença especial e trabalhei por um período de 4 meses, nessa licença especial, para a empresa Americel.

O SR. DEPUTADO GUSTAVO FRUET - O senhor trabalhou na área de inteligência da empresa de telefonia ou não?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - Essa empresa, ela contratou, ela fez um contrato, terceirizou a parte de fraude de telefones para uma empresa de um coronel da reserva do Exército, Coronel Rubens Deonero. E ele fez um contrato com a Americel para atuar no campo de fraudes.

O SR. DEPUTADO GUSTAVO FRUET - Então, o senhor sabe como é feita uma escuta.

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - Não, fraudes de telefone. Fraudes de habilitação de telefones. É habilitação de telefones com nomes de terceiros.

O SR. DEPUTADO GUSTAVO FRUET - Como é que funciona isso?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - Isso, as pessoas habilitam em nome de terceiros o telefone e ficam usando. Então, o que aconteceu foi... Esse trabalho designou só em termos de localizar se realmente havia essas habilitações dentro da empresa ou não.

O SR. DEPUTADO GUSTAVO FRUET - Mas o que motiva fazer esse tipo de trabalho para a empresa?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - Porque a empresa tem prejuízo com isso. As contas não são pagas.

O SR. DEPUTADO GUSTAVO FRUET - E como é a linha de investigação? Quer dizer, é possível ter acesso aos dados cadastrais dos clientes?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - Quando se trabalha direto para a empresa, sim.



O SR. DEPUTADO GUSTAVO FRUET - O senhor teve, então, acesso a esses dados?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - Na época, sim.

O SR. DEPUTADO GUSTAVO FRUET - Que ano foi, sargento?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - Eu não lembro a época não.

O SR. DEPUTADO GUSTAVO FRUET - Há muito tempo, há muitos anos?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - É, tem muitos anos.

O SR. DEPUTADO GUSTAVO FRUET - Mais de 10 anos? Mais de 5 anos?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - É, eu acho que tem mais de 10 anos sim.

O SR. DEPUTADO GUSTAVO FRUET - O senhor já teve algum contato com alguém ligado a Daniel Dantas?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - Não, senhor.

O SR. DEPUTADO GUSTAVO FRUET - O senhor já fez contato ou procurou alguém ligado ao Daniel Dantas?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - Não, senhor.

O SR. DEPUTADO GUSTAVO FRUET - E a sua relação com o Dr. Protógenes, quando começou? Só para esclarecer que o senhor falou que encontrou ele num almoço ou num jantar.

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - É, num churrasco de confraternização.

O SR. DEPUTADO GUSTAVO FRUET - Foi aqui em Brasília?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - Em Brasília.

O SR. DEPUTADO GUSTAVO FRUET - Quando foi?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - Tem mais ou menos uns 2 anos, 2 anos e meio.

O SR. DEPUTADO GUSTAVO FRUET - E depois disso o senhor não teve mais contato com ele?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - Esse contato é esporádico, excelência. Ele é uma pessoa que viaja muito. Então, às vezes, o contato pessoal é muito pouco. É mais um contato telefônico.



O SR. DEPUTADO GUSTAVO FRUET - Mas nessa indicação foi ele que ligou diretamente para o senhor ou através do Major Paulo Ribeiro Branco Júnior?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - Esse contato... Eu me lembro que estava conversando pessoalmente e ele perguntou se conhecia algum analista que estava aposentado e que poderia desenvolver um trabalho para ele. Eu e o Major Branco fomos unâimes ao afirmar o nome do Ambrósio.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - A única pessoa que os senhores indicaram foi o Sr. Ambrósio ou os senhores indicaram mais alguma pessoa?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - Não, foi indicado também o Sargento da Reserva Rodopiano, no Rio de Janeiro.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - O senhor sabe se o Rodopiano foi contratado?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - Foi, foi contratado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - E executou que tipo de serviço no Rio de Janeiro?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - Eu não sei precisar isso, que tipo de trabalho ele executou. Esse contato com o Rodopiano foi feito via telefone. A gente passou...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - E foi o senhor que fez a apresentação ou foi o major?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - ... passou o telefone. Eu passei o telefone do Rodopiano para o Dr. Protógenes e passei o telefone do Dr. Protógenes para o Rodopiano, e eles se encontraram no Rio de Janeiro.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Qual é a patente do Rodopiano?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - Ele é sargento.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Sargento reformado da Aeronáutica?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - Reformado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Também atuou na área de inteligência?



O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - Ele atuou muitos anos no A-2 do COMAR III.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - COMAR III é o... Qual é a região do COMAR III?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - Estado do Rio de Janeiro.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Estado do Rio de Janeiro. Ele fez parte daquele grupo que foi desarticulado pelo próprio CISA na década de 90?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - Não, senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - O senhor sabe a que estou me referindo?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - Sim, senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - E ele não integrava aquele grupo?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - Não, senhor.

O SR. DEPUTADO GUSTAVO FRUET - O senhor já respondeu, já prestou depoimento na sindicância que foi aberta na Aeronáutica sobre esse episódio?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - A sindicância da Força Aérea foi aberta para apurar o meu nome e o nome do Major Branco divulgado na mídia.

O SR. DEPUTADO GUSTAVO FRUET - E o senhor já prestou depoimento?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - Sim, senhor.

O SR. DEPUTADO GUSTAVO FRUET - Bom, Presidente, depois, ao final da sindicância, respeitados os procedimentos da Força Aérea, se for possível a solicitação, desde que não haja sigilo nessa informação. Eu agradeço, Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Obrigado, Deputado Fruet.

Deputado Vanderlei Macris, que agora poderá fazer alguns questionamentos inclusive sobre um novo nome que surge nessa investigação.

O SR. DEPUTADO VANDERLEI MACRIS - Alguns questionamentos mesmo, Presidente, porque é um sentimento muito de vira, vira e não chega a lugar nenhum.

Eu queria saber do Sargento Idalberto, primeiro agradecendo a sua presença, se esse Sargento Rodopiano, a que o senhor se refere, também está sendo alvo de investigação nessa sindicância.



O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - Ele também vai prestar depoimento. Eu não sei quando.

O SR. DEPUTADO VANDERLEI MACRIS - Mas ele já era parte dessas investigações da Aeronáutica?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - Não, não era, porque a sindicância, ela está-se baseando nos nomes que aparecem na mídia. Então, o nome do Rodopiano também apareceu na mídia.

O SR. DEPUTADO VANDERLEI MACRIS - Aqui o Ministro Jobim esteve e disse que ia promover o levantamento, e essa sindicância estava aberta, para levantar a participação da Aeronáutica na Operação Satiagraha, não porque os nomes aparecem na imprensa. Então, o senhor não tem conhecimento disso?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - Os nomes estão...

O SR. DEPUTADO VANDERLEI MACRIS - Porque se o Sr. Rodopiano, o Sargento Rodopiano participou da operação, era muito natural que o Ministro Jobim estivesse preocupado também, e a própria Aeronáutica, em saber quais as pessoas que tinham participado. Esse nome é um nome novo que aparece aqui, e a gente vai descobrindo que essa operação realmente era muito ampla, envolvia várias áreas de Governo e a Aeronáutica também ampliada. Quer dizer, além desse Rodopiano, alguém mais participou da operação?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - Não, senhor. Não, senhor.

O SR. DEPUTADO VANDERLEI MACRIS - Qual é a especialidade do Rodopiano?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - Eu conheço o Rodopiano há muito anos, mas eu não tenho... para dizer a especialidade.

O SR. DEPUTADO VANDERLEI MACRIS - Mas ele é muito bom na área de inteligência em que sentido? Qual é a especialização dele?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - Ele faz análise de inteligência também.

O SR. DEPUTADO VANDERLEI MACRIS - O que é análise de inteligência para o senhor, Sr. Idalberto?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - É simplesmente trabalhar em cima dos relatórios dos agentes que são repassados...



O SR. DEPUTADO VANDERLEI MACRIS - Todo tipo de relatório?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - Basicamente isso, porque o efetivo é pequeno, então...

O SR. DEPUTADO VANDERLEI MACRIS - Mas todo tipo de relatório o analista faz essa análise?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - Relatórios produzidos pela seção dele, não é qualquer tipo. Relatórios que são...

O SR. DEPUTADO VANDERLEI MACRIS - Mas que tipo de relatório?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - Tipo assim...

O SR. DEPUTADO VANDERLEI MACRIS - O analista faz análise sobre que tipo de relatório?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - Vamos ser... Para o senhor entender.

O SR. DEPUTADO VANDERLEI MACRIS - Eu quero entender.

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - O agente recebe uma informação, um informe que existe uma pista de pouso irregular próxima a Brasília. E esse agente de campo vai a proximidades locais, a esse local, e vai fazer um levantamento, saber exatamente que tipo de aeronave pousa ali, qual a capacidade da pista, que tipo de perigo isso vai causar. E ele produz o relatório dele. Em cima desse relatório, o analista vai produzir o conhecimento.

O SR. DEPUTADO VANDERLEI MACRIS - Entendi. Esse é um caso concreto que o senhor está dando. É possível fazer relatório também sobre área financeira?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - Não. Isso, não.

O SR. DEPUTADO VANDERLEI MACRIS - Analisar sobre a área financeira?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - Não, senhor. É um trabalho desenvolvido para a Força Aérea.

O SR. DEPUTADO VANDERLEI MACRIS - A especialidade de um analista. O senhor disse que ele tem um trabalho de avaliar os relatórios recebidos.

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - Sim, senhor.

O SR. DEPUTADO VANDERLEI MACRIS - O senhor tem conhecimento de que o analista sugerido, o Sr. Rodopiano, e também o Ambrósio, ambos analistas,



estavam prontos para colaborar na Operação Satiagraha, avaliando que tipo de relatório?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - Eu não sabia, não sei em relação a essa operação. O que foi pedido foi um analista de inteligência. No caso, a gente indicou, eu e o Major indicamos o Ambrósio.

O SR. DEPUTADO VANDERLEI MACRIS - Mas esse analista. Eu quero entender, Sr. Idalberto. Esse analista faz o quê? Qual a função dele no trabalho dele?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - Existe uma compartimentação. Eu sou um agente de campo...

O SR. DEPUTADO VANDERLEI MACRIS - Eu entendo. O que faz um analista, Sr. Idalberto?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - Ele analisa um relatório. Agora...

O SR. DEPUTADO VANDERLEI MACRIS - Relatório de quem? Quais relatórios? Por exemplo, qual foi a função do Ambrósio dentro dessa operação? Fazer análise do quê?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - Eu não sei.

O SR. DEPUTADO VANDERLEI MACRIS - Ah, o senhor não sabe. Ele nunca comentou com o senhor sobre isso?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - Não, senhor. Não sei.

O SR. DEPUTADO VANDERLEI MACRIS - Muito bem. Os senhores estiveram num *cybercafé*, nessa reunião, onde o Branco estava presente, o senhor também, Ambrósio e Protógenes, não é? Como foi essa conversa nesse *cybercafé* para acertar a presença do Ambrósio?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - Essa conversa se limitou a dizemos que o Ambrósio era uma pessoa de confiança, um profissional competente que já tinha trabalhado na Aeronáutica. E como o delegado Protógenes conhece tanto a mim como ao Major Branco, ele avalizou o nome de Ambrósio.

O SR. DEPUTADO VANDERLEI MACRIS - O Protógenes, na época, disse qual seria o trabalho dele?



O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - Na época, ele não falou nada. Ele falou o seguinte: que marcou para segunda-feira, na sala dele, no prédio da Polícia Federal, que eles iriam conversar sobre o trabalho a ser desenvolvido. Mas em momento nenhum, nesse café, ele falou, na mesa, que tipo de trabalho era, que tipo de investigação ele estava conduzindo.

O SR. DEPUTADO VANDERLEI MACRIS - O analista é capaz de avaliar relatórios de escutas telefônicas por escrito?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - Eu não tenho capacidade de falar isso para o senhor porque eu não conheço a fundo o trabalho do analista.

O SR. DEPUTADO VANDERLEI MACRIS - Mas como é que o senhor sugere 2 analistas para o Delegado Protógenes se o senhor não sabe nem o que faz o analista?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - É porque ele trabalhava junto com a gente — correto, excelência? E ali, nós, agentes, produzíamos os relatórios, e ali ele fazia as análises. Então, essas análises eram feitas...

O SR. DEPUTADO VANDERLEI MACRIS - Eu perguntei: um analista é capaz de fazer uma análise sobre um relatório de escuta telefônica escrita?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - Eu não tenho essa informação para dar para o senhor. Eu sei que nos nossos relatórios ele fazia, e fazia muito bem.

O SR. DEPUTADO VANDERLEI MACRIS - Quer dizer que o senhor indicou também o Ambrósio e o Sargento Rodopiano para a operação e ambos trabalharam na operação?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - Sim, senhor.

O SR. DEPUTADO VANDERLEI MACRIS - O Rodopiano trabalhou por quanto tempo? O Ambrósio foi por 6 meses. O senhor sabe?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - Não, eu sei, só lembro que o Rodopiano foi apresentado depois do Ambrósio. Agora, o período...

O SR. DEPUTADO VANDERLEI MACRIS - O senhor não sabe que tarefa ele desempenhou na operação?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - Não, senhor. Não, senhor.



O SR. DEPUTADO VANDERLEI MACRIS - Sr. Presidente, terminei aqui minhas palavras.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Obrigado, Deputado Vanderlei Macris.

Antes de passar a palavra ao Deputado Laerte Bessa, eu só queria entender uma coisa que para mim não ficou clara. O senhor sabe, nesse arranjo estabelecido entre o delegado da operação e o senhor... Como é o nome dele?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - Rodopiano.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Rodopiano. Constava uma remuneração igual ao Ambrósio?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - É natural que tenha havido uma remuneração. Agora, o valor dessa remuneração eu não tenho conhecimento. Nem a do Ambrósio. Eu vim a saber da remuneração dele através da mídia, da imprensa.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - E o senhor não percebeu nenhuma vantagem em função de ter agenciado esses 2 servidores para perceberem esses valores?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - É... A nossa participação, principalmente da minha parte, foi em ajudá-lo, tanto atender o pedido do Dr. Protógenes e ajudar um amigo que estava parado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Aí cabe uma pergunta que eu acho que é muito importante. Talvez o senhor tenha condição de ajudar a CPI com as suas informações. A que o senhor atribui a necessidade do Delegado Protógenes, que vinha conduzindo uma investigação relevante contra uma organização criminosa importante, de ter que solicitar apoio externo de pessoas contratadas? Foi dito ao senhor porque ele estava precisando contratar pessoas?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - Não, senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Em nenhum momento, nas conversas que os senhores mantiveram, ele disse: "*Eu preciso de um analista por causa disso ou por causa daquilo. Me arruma um analista aí, que eu vou contratar.*" Ele não explicou por que estava precisando?



O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - Não, senhor. Ele simplesmente usou esta palavra: *“Eu preciso de um analista de inteligência que esteja aposentado para desenvolver um trabalho para mim.”*

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - E aí o senhor não arrumou 1, o senhor arrumou 2. Foi isso?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - Porque depois de o Ambrósio estar trabalhando, ele também pediu tanto a mim como ao major se tinha alguém no Rio de Janeiro que estivesse parado, desempregado, que fosse competente e que tivesse condições de desenvolver um trabalho para ele.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Qual é a história do Rodopiano na Força Aérea? O senhor poderia falar um pouco sobre ele, para que nós pudéssemos conhecê-lo melhor?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - Rodopiano é formado em Direito, trabalhou sempre na área de inteligência. Acho que ele foi também do PARASAR, não tenho certeza. Ele é uma turma, duas turmas abaixo de mim. Então, ele já tem um tempo, parece que tem um tempo que tem aposentado já. Uns 3, 4 anos.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Trabalhou com o PARASAR, deveria trabalhar, então, com o Sérgio Macaco. É isso?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - Não sei. Isso aí eu não sei. Não posso afirmar, porque não sei o período que ele trabalhou no PARASAR.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Mas o senhor sabe o período que ele trabalhou na 2ª Seção, no Rio. No CIS ele nunca trabalhou, não é?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - Não, senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Deputado Laerte Bessa.

O SR. DEPUTADO LAERTE BESSA - Sr. Presidente, eu queria cumprimentar o sargento pela sua presença aqui, o seu comparecimento, e fazer algumas considerações.

O nome do Sargento Idalberto e o do Jairo surgiram naquela audiência compartimentada nossa, aquela audiência em caráter reservado que nós fizemos com o Paulo Maurício, da ABIN. Naquela oportunidade, surgiram os nomes do Idalberto e do Jairo.



Uma audiência compartimentada tem que ser compartimentada; em caráter reservado, tem que ser reservada. Infelizmente, vazou a informação para a mídia. Vazou porque no dia *O Globo* noticiou que o Idalberto e o Jairo poderiam ser os possíveis grampeadores daquela escuta do Ministro com o Senador. Infelizmente, nós estávamos em 6 Deputados, e eu só posso acreditar que um dos 6 Deputados vazou a informação. Infelizmente, porque a coisa poderia ser reservada e nós poderíamos ter mais proveito daquela reserva para fazer uma investigação melhor.

O nome do Idalberto foi surgir principalmente pelo fato de ele ser ligado ao Protógenes. Ele é amigo pessoal do Protógenes. E a partir daí começaram a massacrар o Idalberto.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Essa informação eu não tinha. Quer dizer que o Sr. Idalberto, então, é amigo pessoal do Protógenes. É isso?

O SR. DEPUTADO LAERTE BESSA - É. Ele é amigo pessoal do Protógenes.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Eu pensei que ele tivesse sido apresentado pelo Major Branco.

O SR. DEPUTADO LAERTE BESSA - Não, ele é amigo pessoal do Protógenes. E depois disso, depois disso, foi o massacre no Idalberto e no Jairo. O Jairo eu não conheço, mas o Idalberto foi massacrado.

Eu procurei, mesmo tendo a notícia vazado, me informar, principalmente com policiais que participaram da Operação Satiagraha, sobre o envolvimento do Idalberto na operação. E todos eles — eu conheço vários policiais que participaram da Satiagraha — me informaram que o Idalberto não participou da Operação Satiagraha. Não participou. Ele não teve envolvimento nenhum. Então, a partir daí, no meu entender, o Idalberto tinha de ser descartado. Claro, se estivesse provado. Não estou dizendo que não era dever dele comparecer aqui hoje, mas poderia ser descartado. Essa informação só se nós tivéssemos comprovado isso.

Bom, queria ir mais além. O Idalberto é conhecido antigo aqui em Brasília pelos trabalhos relevantes dele pela Aeronáutica. E posso até citar que há mais de 15 anos o Idalberto foi intermediário para que nós pudéssemos, o grupo anti-sequestro de Brasília pudesse fazer um curso na Aeronáutica, um curso operacional de preparação para os policiais.



A partir daí eu conheci o Idalberto e nunca tive, como policial, informação de que o Idalberto estivesse envolvido em qualquer tipo de escuta telefônica. Nunca tive essa informação. E pode investigá-lo que — eu também fiz levantamento — ele não tem participação ou indício em qualquer tipo de inquérito dessa natureza aqui no Distrito Federal.

Então, eu acho prematuro principalmente a mídia acusá-lo de envolvimento numa situação de grampo que abalou o País. É uma pessoa que não participou da operação. Eu falo isso, se eu puder ajudar a CPI dando essa declaração, ele não participou, tenho certeza de que não participou. A função dele foi indicar o Protógenes.

Eu tenho que falar isso porque eu sei disso, eu tenho certeza do que eu estou falando. Não estou querendo proteger ninguém, mesmo porque, a princípio, eu até estava protegendo o Protógenes, já não estou, ele já não é tão protegido mais por mim. Tenho minhas dúvidas, muitas dúvidas principalmente no tocante a algumas irregularidades que aconteceram na investigação. Não sou a favor muito menos do Daniel Dantas. E acho também, como V.Exa. declarou na oitiva passada, que o Sr. Daniel Dantas seria uma pessoa também suspeitíssima de ter realizado esse grampo do Supremo com o Senado. Por quê? Porque ele tinha interesse de macular a Operação Satiagraha. E aí se pergunta: *"Mas ele não tinha interesse de grampear o Ministro, porque o Ministro soltou ele 2 vezes. Qual motivo ele teria para grampear o Ministro?"* Mas é aí que vem: ele poderia ter usado isso, até grampeando — porque ele tem poderes para grampear, nós sabemos muito bem... Como V.Exa. disse, nós não tivemos respaldo do processo judicial em que ele está envolvido com a Kroll em gramos telefônicos, onde nós poderíamos chegar até mais longe. Então, ele tinha capacidade para fazer isso também, e poderia ter feito apenas para tentar detonar a Operação Satiagraha e a própria ABIN. Mesmo porque o texto, pseudicamente falando, que ele teria usado é um texto que não macula a imagem nem do Senador, nem do Presidente do Supremo.

Então, é esse esclarecimento que eu tenho. Eu estou falando no sentido de colaborar com a CPI. Não estou aqui protegendo ninguém. Não estou protegendo. Sei que tanto ele como o Ambrósio são pessoas que não tiveram envolvimento nenhum nessa escuta telefônica e estão sendo bodes expiatórios da situação.



Surgiu o nome principalmente do Idalberto numa situação que foi vazada para a imprensa, e nós não tivemos condições de ter um trabalho melhor nesse sentido, devido a esse vazamento.

Então, eu quero dar este depoimento, porque, apesar de tudo, eu tenho essas informações importantíssimas de dentro da Satiagraha de que o Idalberto não participou. E nós não devemos aqui ficar explorando o passado do Idalberto sobre alguma irregularidade dele ou não na vida. Todo mundo tem! Todo mundo tem! Eu acho que nós nos deveríamos cingir apenas à Operação Satiagraha, de onde eu não tenho dúvidas de que saiu esse grampo.

E hoje, apesar de a CPI ter objetivo maior do que investigar o grampo do Senado e do Supremo, eu tenho como objetivo pessoal — para mim, seria a coisa mais importante para a CPI. Mas entendo V.Exa., que a CPI não pode se cingir apenas a isso. Entendo também que a CPI é mais ampla e que nós temos que cuidar de toda a situação, inclusive da oitiva do Idalberto, aqui no momento.

Então, era isso que eu queria esclarecer. E tenho certeza de que estou colaborando com a nossa CPI ao dar este depoimento, Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Muito obrigado, Deputado Laerte Bessa, pelo seu depoimento.

Acho que a importância da CPI é esta: possibilitar que todos sejam escutados, que todos apresentem os seus pontos de vista e que todos possam ser inquiridos por todos os Deputados e prestar as informações que os Deputados julgarem relevantes e importantes ao deslinde de várias questões, até para, neste momento, já que aqui não se busca nem culpar nem inocentar ninguém, estabelecer inclusive qual é o papel da Aeronáutica nesse processo.

Então, fica claro, pelos depoimentos que foram prestados, que não há uma participação formal do Ministério da Aeronáutica nem da área de inteligência da Aeronáutica no desenvolvimento da ação, e sim uma ação, como ele diz, entre conhecidos, uma ação entre amigos, que possibilitou a contratação de pessoas para desenvolver um determinado trabalho na Polícia Federal.

Aí nós temos que questionar, para saber o seguinte: por que se contratam terceiros, se existe quadro próprio? É porque não houve apoio por parte da Polícia Federal na investigação que vinha sendo conduzida pelo Delegado Protógenes? É



esse o motivo? Ou não é esse o motivo? Qual é o motivo que está por trás dessa questão? Eu acho que, com esses depoimentos, nós vamos cada vez mais esclarecendo esses pontos de vista.

Eu vou passar a palavra agora ao Deputado Luiz Couto, para os seus questionamentos.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sr. Presidente, Sras. Deputadas, Srs. Deputados, eu não estive aqui, se fizer alguma questão que já tiver sido feita, os senhores podem me desculpar. Mas eu queria perguntar: o senhor entrou na Aeronáutica quando?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - Julho de 79.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Setenta e nove. Antes o senhor exerceu alguma outra função, antes de entrar na Aeronáutica?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - Não, senhor.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Não. E sempre servindo aqui em Brasília ou serviu em outras localidades?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - Sempre em Brasília.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Brasília. Também sempre ligado à área de inteligência ou exerceu outras atividades na Aeronáutica?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - Depois do curso de formação, eu fui para a área de inteligência.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Inteligência.

E, no caso, o senhor trabalha tanto com a questão da informação quanto com a da contra informação?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - Não, senhor. O trabalho que eu executo é só na Divisão de Operações.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Só de Operações?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - Sim, senhor.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Quer dizer, há outros setores que trabalham a questão da inteligência e também da informação e outros setores que trabalham a contra informação?



O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - É. Há a Divisão de Operações, a Divisão de Contra-Inteligência, a DAE, que é outra Divisão, e a Divisão Administrativa.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo. Então, o senhor apenas trabalha na questão de operação?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - Sim, senhor.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - No caso, o senhor diz que é amigo pessoal do Delegado Protógenes. O senhor o conhece há muito tempo?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - Há uma média de 2 anos, 2 anos e meio.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Dois anos.

Já havia trabalhado com ele anteriormente?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - Excelência, eu nunca trabalhei com o Delegado Protógenes, em nenhuma operação da Polícia Federal.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo. No caso de que ele necessitava de outras pessoas para trabalhar com ele, e o senhor foi o intermediário para conseguir falar com essas pessoas. Nesse sentido. Não que o senhor trabalhe. É mais no sentido da intermediação.

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - Não. Eu não vejo a palavra "intermediação". Eu vejo é que os dois... As únicas pessoas até hoje que eu apresentei para trabalhar com o Dr. Protógenes foram o Ambrósio e o Rodopiano.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo.

O Dr. Protógenes, o delegado, chegou e disse para o senhor: "*Eu preciso de um analista*". Foi isso mesmo?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - Correto.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E o senhor não somente, como diz o Presidente, conversou com o Ambrósio, que estava parado, e Rodopiano também, e os dois eram na perspectiva de que eles fossem trabalhar como analistas nessa operação que o Delegado Protógenes estava presidindo. Era isso o pedido dele?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - É, o pedido dele foi... no primeiro passo, ele pediu que conseguisse um analista que atuasse aqui em Brasília. Então, veio o nome do Ambrósio, porque o Ambrósio já havia trabalhado



conosco. Nós conhecemos — no caso, eu e o Major — o potencial dele, e o indicamos. E o Dr. Protógenes conversou com ele, teve uma entrevista prévia com ele, com os dois, e decidiu contratá-lo. A partir daí, eu não tive mais...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo. Eu sei. Não, é só para dizer, Sargento Idalberto, que o Sr. Ambrósio disse que não fazia nada. Ele apenas fazia... Ou seja, pegava os *e-mails* e separava pelos itens. Então, nós estamos verificando que a origem era efetivamente para ser analista mesmo. Pode ser que, no caminho, o Rodopiano tenha sido melhor analista, e o Ambrósio ficou apenas para separar os *e-mails*.

Eu pergunto o seguinte: sendo ligado à Inteligência, o senhor teve algum contato, em algum momento, com o Delegado Renato Porciúncula?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - Não, senhor.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E com o José Milton Campana?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - Não, senhor. Nem conheço.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Nem conhece. Muito bem.

Um aspecto, Sr. Presidente, que me chama a atenção — e que eu já havia levantado — é que no serviço público não há espaço para operação entre amigos. A operação tem de ser para efetivamente investigar, apurar e levar as informações para que aqueles que estão envolvidos em crime de lavagem ou crime organizado possam ser julgados e condenados.

Mais uma vez, nós verificamos que parece que o Sr. Daniel consegue cada vez tirar de foco quando ele aparece. E parece — jogaram na mídia — que o Ambrósio era o espião que grampeava membros do Judiciário, do Poder Executivo, do Legislativo, tanto Senadores quanto Deputados, e do próprio Ministério Público, e, na realidade, nós ficamos atrás do Ambrósio, ou seja, ficamos rodopiando em torno do Ambrósio e nos esquecemos da figura do Sr... Não nos esquecemos, não; nos fizeram esquecer, porque V.Exa., como Presidente, está atento e pedindo todas as informações, principalmente na Operação Chacal, em que ele fez escuta telefônica clandestina. Disse que não tinha nada a ver com a Operação Chacal quando aqui esteve. Disse que estava muito bem naquele dia, por isso foi bastante falante, mas, na hora H, já tinha uma ação para impedir que qualquer informação da Operação Chacal pudesse chegar ao conhecimento desta CPI.



Acho que nós precisamos, é claro — e, aí, acho que num retorno, agora —, entrar mais forte com relação a essa situação. Eu sei que isso está acontecendo, mas a CPI como um todo... Não dá para o Sr. Daniel Dantas continuar na impunidade, continuar fazendo e plantando informações, e nós, seguindo essas informações, que, muitas vezes, quando chegam aqui, nós sabemos que as pessoas que foram citadas não têm as informações de que nós necessitamos.

Então, eu acho que isso prova a necessidade de nós irmos mais a fundo, e eu tenho certeza de que esta CPI irá inclusive contribuir, Sr. Presidente, para que nós possamos modificar o regimento das CPIs, dando muito mais consistência, estrutura e condições para que elas possam realizar a sua missão, que é investigar, apurar, e encaminhar para o Ministério Público.

Nós somos acusados, muitas vezes, de terminarmos em *pizza*, quando, na realidade, nós entregamos a massa para o Ministério Público, que é quem indicia ou pede o indiciamento, e o Judiciário julga, condena ou absolve. Então, muitas vezes, nós somos responsabilizados por algo que está não apenas na massa que nós mandamos, mas, quando assada a *pizza*, e ela não chega a ser efetivamente consumida, porque efetivamente ninguém é condenado, ninguém é julgado, e, na maioria, essas nossas CPIs vão perdendo muito dessa força.

Espero que a nossa CPI da Escuta Clandestina possa acabar de vez com essa clandestinidade que o Sr. Daniel Dantas tem e com tanta proteção que esse homem tem em nosso País.

Muito obrigado, Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Muito obrigado, Deputado Luiz Couto.

Acho importante esta fala de V.Exa. porque ela traz à tona uma série de questões. E essa série de questões passa pelo seio do Governo. Passa pelo seio do Governo porque foi capaz de criar um antagonismo entre o Ministro da Defesa e o Ministro do Gabinete de Segurança Institucional.

É capaz, no momento em que se faz a fusão ilegal de teles, da qual inclusive o Sr. Daniel Dantas era sócio — a Brasil Telecom, em que existe um aporte de recursos de mais de 4 bilhões de reais por parte de um financiamento dado pelo Banco do Brasil para que se realizasse essa transação, que até hoje ainda é



impedida, de acordo com os regramentos jurídicos do País, que, parece, desejam alterar para atender a determinadas questões.

Então, a luta que se trava não é uma luta no âmbito desta CPI. É uma luta muito maior, que transcende ao que esta Comissão Parlamentar de Inquérito vem apurando.

Mas esta Comissão Parlamentar de Inquérito já foi capaz de mostrar uma série de fatores vinculados às questões das escutas. Até mesmo, por incrível que pareça, nós somos cerceados pela Cortes brasileiras de termos acesso a dados que em tese estão sob segredo de Justiça, mas fica comprovado que pessoas que não estão mais no múnus público, não fazem parte mais das instituições da forma ativa, têm acesso a dados que V.Exa., enquanto Deputado de uma Comissão Parlamentar de Inquérito, não pode ter acesso.

Então, essas coisas todas é que nos causam estranheza. E acho que cada um desses depoimentos que aqui vieram foram importantes nesse sentido, ou seja, nós não podemos ter acesso a determinados fatos relativos a essas operações, mas nós ficamos sabendo, pelo depoimento aqui do nosso depoente, que 2 indivíduos que não estão mais na ativa de organizações de inteligência participaram de operações de inteligência a serviço de um inquérito que está sob segredo de Justiça. Mas V.Exa., Parlamentar, não pode ter acesso a isso, porque está impedido pelos tribunais. Então, essas questões todas terão de ser muito bem enfrentadas no relatório desta CPI. E, se for o caso, promover uma alteração nas próprias leis das Comissões Parlamentares de Inquérito, aumentando os poderes desta Comissão, porque aqui nós não representamos a nós mesmos. Nós representamos o povo brasileiro, porque aqui é o Congresso em funcionamento, em investigação. E ninguém pode suprimir o direito de o Congresso, com transparência, investigar os fatos que precisam ser investigados.

Então, o que nós estamos observando nesse jogo todo que V.Exa. coloca com muita propriedade é que existem interesses superiores e interesses maiores que estão fazendo com que os peões do tabuleiro se movam, mas, para que esses peões se movam, tem alguém de estar no comando dessas ações. E o que nós estamos vendo é exatamente isto: é a leitura através dos peões para podermos chegar a quem está por trás de todas essas questões que hoje maculam e criam um



estado policial que investiga não o fato criminoso, mas investiga os cidadãos em geral. E eu acho que é esse o papel que esta Comissão Parlamentar de Inquérito vem fazendo com competência em função do trabalho de cada um dos Srs. Deputados que integram esta CPI.

Então, agradeço muito a V.Exa. a participação e a manifestação e pergunto se algum Deputado tem mais algum questionamento a fazer ao depoente. (*Pausa.*)

Antes de encerrar, gostaria de saber do depoente, com a experiência ele tem, com as informações que ele possui, se ele tem algum dado, alguma suspeita, ou algo que possa ajudar esta CPI a buscar os possíveis autores dessa interceptação telefônica ilegal que foi feita em um Senador da República e um Ministro da Suprema Corte. O senhor tem alguma informação relevante que pudesse ajudar esta CPI a buscar os seus objetivos?

O SR. IDALBERTO MARTINS DE ARAÚJO - Não, senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - O.k. Agradeço muito a V.Sa. a presença, que aqui veio espontaneamente, atendendo um convite da CPI. Não veio aqui obrigado, e trouxe, ao que me parece, francamente, os fatos relativos a essa questão.

Nada mais havendo a tratar, fica V.Sa. dispensado.

Vou encerrar os trabalhos, antes convocando os Srs. Deputados para a próxima reunião ordinária a realizar-se não na semana da eleição, mas na outra semana, às 14h30 — plenário e pauta a serem informados oportunamente.

Está encerrada a presente reunião.